

• F U N D A Ç Ã O •
PRÓ-MEMÓRIA

DISTRITO DE SANTA EUDÓXIA - SÃO CARLOS

Divisão de Pesquisa e Produção

Departamento de pesquisa

Leila Maria Massarão Historiadora – FPMSC



• F U N D A Ç Ã O •
PRÓ-MEMÓRIA

Santa Eudóxia, como chamamos hoje, era uma região de difícil acesso até o final do século XIX, tanto por sua localização no “sertão” paulista quanto pela topografia da região. Seu primeiro sinal de ocupação foi às margens do córrego Itararé, onde um povoado se formou. Este povoado era um aglomerado de choças em torno da capela de São Sebastião que ali fora construída, passando o povoado a ser chamado de São Sebastião do Itararé e, depois, São Sebastião do Quilombo.

O povoado, em finais do século XVIII, era formado por remanescentes indígenas e por posseiros que vinham tentar a vida no interior do país, em áreas que poderiam demarcar um pedaço de terra como seu.

A tradição oral local faz referência à presença de escravos fugidos na região de Santa Eudóxia, anterior ao estabelecimento da Sesmaria do Quilombo (da qual as terras do atual distrito fazem parte), cujo nome teria sido herdado pela presença desses aquilombados - o Ribeirão Quilombo e Rio dos Negros seriam outros lembretes desta presença. Os vestígios sobre a existência deste quilombo não têm ultrapassado, porém, as especulações, amparadas em rumores que vem desde o século XVIII. Uma hipótese para a persistência do "quilombo" na memória popular pode ser compreendida pela confluência desses rumores mais antigos com a ocorrência real de quilombos na região, o que poderia ter deixado marcas na memória popular.

As Sesmarias

Com a presença cada vez mais significativa de posseiros e a abertura do sertão aos "brancos", a demarcação de sesmarias¹ foi se acentuando a partir do final do século XVIII. Na região ocupada hoje por Santa Eudóxia, o vigário de Piracicaba Joaquim do Amaral Gurgel solicitou o registro da Sesmaria do Quilombo por volta de 1806, mas a demarcação foi concedida apenas em 1812, mesmo ano em que o padre vendeu suas terras a Demétrio José Xavier.

Na segunda metade do século XIX a região de Santa Eudóxia passou por um crescimento significativo a partir do estabelecimento do grande latifúndio cafeeiro do qual o distrito herdaria o nome, a Fazenda Santa Eudóxia.

A Fazenda Santa Eudóxia

Adquirido por Francisco da Cunha Bueno, membro de uma das tradicionais famílias paulistas, a Santa Eudóxia foi montada na área da antiga sesmaria do Eleutério. Cunha Bueno tinha possuído fazendas em várias regiões do interior da província, como em Indaiatuba, Rio Claro (Morro Grande, 1854) e Itaquiri (atual Itirapina - Fazenda Itaquiri, 1860). Sua caminhada, assim como a de muitos fazendeiros da época, em direção ao interior acompanhou o ritmo da expansão das fazendas de café: la busca por mais manchas de terra roxa para uma maior produção visando a exportação.

¹Terras registradas oficialmente pelas autoridades competentes do período (em especial padres responsáveis pelas paróquias espalhadas pelo país) e de acordo com a autorização de Portugal, tinham por função principalmente o controle e utilização das terras incultas do interior do Brasil. As sesmarias deixaram de ser cedidas a partir de 1822, com a independência do Brasil.

• F U N D A Ç Ã O •
PRÓ-MEMÓRIA

A Fazenda Santa Eudóxia foi adquirida por volta de 1869 de Eleutério Furquim de Campos numa negociação intermediada por Jesuíno de Arruda. Em parceria com seu sobrinho e genro Alfredo Ellis, Cunha Bueno se estabeleceu nesta nova fazenda que, em alguns anos, despontou como maior produtora de café da região entre o final do século XIX e começo do século XX. O complexo da sede teve sua construção concluída em 1874.

A fazenda recebeu o nome de Santa Eudóxia em homenagem à memória da finada esposa de Cunha Bueno, Eudóxia Henriqueta de Oliveira, morta anos antes por envenenamento. O veneno teria sido ministrado, por vingança, por uma escrava de confiança da senhora - a tradição oral, porém, tem versões diversas sobre a morte de Eudóxia, assim como quem era ela "C amante, esposa...? "C, alimentadas certamente pelo fato da esposa de Cunha Bueno ter falecido em Campinas, antes dele se estabelecer em Santa Eudóxia.

A riqueza do café

No final do século XIX e começo do século XX, Cunha Bueno despontou como o segundo maior proprietário de terras da região com a Fazenda Santa Eudóxia, perdendo apenas para Elisiário Ferreira Penteado, dono da Fazenda Figueira Branca, também localizada em Santa Eudóxia. Mas em relação à produção de café, a Santa Eudóxia alcançou marcas significativas: em 1897, a fazenda produziu 60.000 arrobas, voltando a fazer tal marca em 1899.

Os números tornam-se ainda mais impressionantes se indicados pelo número de pés de café que existiam na fazenda Santa Eudóxia. Em 1905, a fazenda possuía um milhão de pés de café, passando a ter, em 1916, 1.271 milhão.

O escoamento de toda essa produção dependia de meios de transporte eficientes, porém, a ferrovia ainda não havia chegado a São Carlos o que fez com que a produção da região, até 1884, tivesse que ser escoada através do rio Mogi-Guaçu em direção a Porto Ferreira, onde a ferrovia já havia chegado. O escoamento era feito através do porto Cunha Bueno. Com a chegada da ferrovia em São Carlos, a produção de Santa Eudóxia passou a ser transportada através desse município.

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro empreendeu nos anos seguintes a construção de ramais e estações em direção à Santa Eudóxia e às fazendas da região. Em 1892, foi inaugurado o ramal de Ararahy e, em 1893, o de Santa Eudóxia.

O povoado de Santa Eudóxia ganhou impulso na última década do século XIX. O povoado teve origem em terras doadas por Cunha Bueno e Fabiano e Simplício da Cunha. Segundo a tradição da região, durante a epidemia de Febre Amarela em São Carlos (1895-1898), o povoado recebeu muitas famílias que fugiam da doença; esse incremento populacional teria trazido também incremento econômico, uma vez que muitos fazendeiros migrados investiram na região – um exemplo seria a finalização da construção da Igreja de Santa Eudóxia, que teria sido financiada por fazendeiros "expulsos" de São Carlos pela Febre Amarela. Em 1899, Santa Eudóxia passou a Distrito Policial e, em 1912, alcançou o status de Distrito de Paz. O distrito de Santa Eudóxia passou a existir como tal a partir de 1933, conforme referência da Directoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brazil 1872/1920 e Divisão Administrativa do Brasil 1911/1933, oficializado no anexo do Decreto Lei Estadual nº9073, de 31 de março de 1938.

• F U N D A Ç Ã O •
PRÓ-MEMÓRIA

Os imigrantes

A população de Santa Eudóxia é formada principalmente por descendentes de imigrantes. Vindos da Europa no período pós-abolicionário, os imigrantes europeus tomaram lugar nas fazendas de café da região, trazendo práticas e valores de suas terras natais.

O porte das fazendas em Santa Eudóxia atraía e exigia muitos imigrantes. A Fazenda Grande (Santa Eudóxia) e a Figueira Branca absorveram muita desta mão-de-obra estrangeira, formando várias colônias em suas propriedades. A mudança de proprietários e a crise do café a partir de 1920 significaram a readaptação desses imigrantes aos novos tempos e culturas que se desenvolveram desde então.

Com a quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929 e a derrocada da cafeicultura, a fazenda Santa Eudóxia entrou em decadência. Já a fazenda Figueira Branca conseguiu sobreviver buscando novos produtos que pudessem substituir o café. Inicialmente a cultura escolhida foi a de cana de açúcar, porém, foi com o leite que a Figueira Branca ganhou impulso - Osny Silva Pinto (antigo proprietário) foi presidente da Cooperativa de Laticínios de São Carlos, em 1948; e José Ribeiro (cuja família ainda é dona da fazenda) montou um laticínio dentro da Figueira Branca nos anos 1960.

As colônias imigrantes mantiveram-se na fazenda Figueira Branca nas décadas seguintes à crise do café. Trabalhando na cana de açúcar, no algodão e no leite, estes imigrantes criaram raízes na região, deixando traços culturais fortes na fala, nas festas, nos hábitos cotidianos, etc.

Em Santa Eudóxia, hábitos culturais imigrantes conviveram com outros de origem africana e dos migrantes nordestinos que afluíram para a região a partir dos anos 1970. Do confronto e interpenetração das diferentes populações, o distrito criou uma rica e diversificada produção cultural.

Hoje, o distrito conta com uma população de aproximadamente 3000 pessoas, sendo as atividades rurais preponderantes em Santa Eudóxia. A tranquilidade local e a riqueza natural da região do Mogi-Guaçu e do Vale do Quilombo têm atraído muitos turistas interessados em praticar esportes rurais ou usufruir de momentos de vida no campo.

Santa Eudóxia conta com várias fazendas históricas do período cafeeiro, sendo as mais destacadas a Fazenda Grande (Fazenda Santa Eudóxia), tombada pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) e a Fazenda Figueira Branca. Estas fazendas não se encontram abertas ao público.

Anexo: FAZENDA SANTA EUDÓXIA

Localizada atualmente no distrito de Santa Eudóxia (Rodovia Abel Terrugi), a fazenda homônima tem suas terras na antiga Sesmaria do Quilombo.

A Fazenda Santa Eudóxia foi montada por Francisco da Cunha Bueno, eminente fazendeiro do sertão paulista que já havia desenvolvido várias fazendas no interior. Chegou a região ainda nos anos 1860 quando formou a fazenda Morro Pelado, deslocando-se posteriormente para o que viria a ser a Fazenda Santa Eudóxia, datada de 1874.

• F U N D A Ç Ã O •
PRÓ-MEMÓRIA

Em parceria com seu genro Alfredo Ellis, Cunha Bueno se estabeleceu em sua nova Fazenda, a Santa Eudóxia, que em alguns anos despontou com uma importante produtora de café da região.

A Fazenda recebeu o nome de Santa Eudóxia em homenagem a memória da finada esposa de Cunha Bueno, morta anos antes por envenenamento. Segundo a família, o veneno teria sido ministrado por uma escrava de dentro, por vingança.

Os feitos de Cunha Bueno e seu sucesso como cafeicultor renderam um título de Visconde da Cunha Bueno, concedido pelo Imperador D. Pedro I em janeiro de 1889.

Devido a problemas econômicos durante a década de 1920, o então proprietário da fazenda, Alfredo Ellis, a vendeu para uma companhia inglesa. Cunha Bueno havia falecido em 1903.

Posteriormente, a Fazenda Santa Eudóxia passou pelas mãos de vários proprietários e sua área foi dividida de várias formas. No começo dos anos 1990 a porção da Fazenda que continha a sede foi adquirida por um ramo da família de Cunha Bueno.

Sede: Concluída em 1880, a casa da sede da Fazenda Santa Eudóxia possui um modelo tradicional, mais simples do que seriam as casas construídas após 1888, quando o ecletismo entraria em voga entre os fazendeiros paulistas.

Construída misturando os estilos paulista e mineiro de construção, o casarão teve as paredes construídas num modelo diferenciado de taipa mais resistente. No melhor estilo paulista, foi erguida à meia encosta, dando o efeito de sobrado à frente e casa térrea ao fundo, além de ser próxima a cursos d'água.

A contribuição mineira está principalmente na simplicidade da estrutura, sem grandes preocupações com ornamentos.

A casa possui guarda pó protegendo o beiral; um grande número de janelas - sendo que ao fundo essas janelas são diferentes em seus modelos -, e, nas paredes da cozinha, gradeados feitos em madeira para uma melhor circulação de ar e eliminação da fumaça do fogão de lenha.

Como a parte da frente do casarão da Santa Eudóxia é assobradada, podemos notar o porão nitidamente, sendo que este tem várias janelas gradeadas à moda paulista. Este recurso era utilizado nas fazendas paulistas inicialmente como forma de proteção contra ataques indígenas. No caso da Santa Eudóxia, a utilização de gradeados está relacionada ao fato da senzala estar situada no porão da casa.

A entrada principal da casa fica na parte frontal do prédio, sendo que a porta é protegida por um alpendre, com balaústres de madeira, e que pode ser acessado através de uma escada externa, como sugeria o modelo mineiro. Este alpendre foi reconstruído recentemente, baseado no modelo original, e representa o único aspecto estético que a casa da sede possuía.

Ao fundo, a casa é térrea tendo os jardins situados nessa área, proporcionando assim uma maior privacidade - em várias casas, porém, os jardins eram colocados na área frontal do prédio.

É importante salientar que a simplicidade da construção da casa da sede não deve ser encarada como sinal de pouco investimento ou riqueza do fazendeiro. Neste período, havia mais de uma forma de ostentar poder econômico e social.

• F U N D A Ç Ã O •
PRÓ-MEMÓRIA

As proporções exageradas da casa - que abrigavam duas famílias, os Ellis e os Cunha Bueno - são um símbolo do poderio de seus proprietários e deve ser sempre considerada quando a construção for analisada.

Tulha e Terreiro: A tulha da Fazenda Santa Eudóxia data da última década do século XIX. Construída em alvenaria de pedra, com formato retangular e com proporções impressionantes, a tulha possui sinais da instalação de passarela e trilhos para vagonete de transporte, porém não há registros de que tenham chegado a ser finalizados e utilizados.

A tulha possui um grande número de janelas e portas, além de vários óculos de ventilação e iluminação.

Os terreiros da Santa Eudóxia praticamente desapareceram, porém é possível perceber o tamanho significativo de sua área. Ainda são visíveis os muros que cercavam os terreiros e vestígios do ladrilho de cerâmica que os revestia contra a umidade.

Senzala e Colônia: A Fazenda Santa Eudóxia possui ainda algumas das colônias ali formadas durante o período cafeeiro. Segundo relatos, a colônia dos imigrantes é datada de 1885.

Assim como a maioria das colônias nas fazendas de café, a da Santa Eudóxia está disposta em fila indiana - evitando o consumo desnecessário de terreno - e não tem grandes confortos.

Em relação às moradias dos trabalhadores, uma estrutura interessante da Fazenda Santa Eudóxia é a senzala situada nos porões da casa da sede. Evidenciada pelo gradeado nas janelas, a senzala do casarão ainda tem um quarto separado onde, possivelmente, os escravos eram castigados frente a alguma falta ou rebeldia.

Capela: A capela da Fazenda Santa Eudóxia foi construída muito provavelmente depois da construção da casa da sede, nos fundos do pomar.

A santa padroeira é Santa Eudóxia - santa mártir grega - e a capela foi erigida para receber sua imagem ainda em fins do século XIX. Muitas histórias envolvem a imagem da santa na tradição oral local, em especial relatos relacionados a "recusa" da imagem em ser deslocada para a igreja da vila, no começo do século XX. Contam os locais que a imagem sempre aparecia, no dia seguinte a seu deslocamento, de volta a capela da fazenda.

A capela é uma composição arquitetônica eclética, porém sem os rigores do academicismo. Como resultado, temos um ecletismo "popular", provavelmente obra de construtores e mestres de obras que, em sua maioria imigrantes, lembravam os ornamentos existentes em suas terras natais e os adaptavam livremente. Em planta retangular simples, a capela possuía uma torre sineira, que ruiu no final do século XX. Esta torre tinha três aberturas com gradis metálicos por onde era possível visualizar o sino que ali existia.

Glossário: Escrava de dentro: escravas utilizadas para os trabalhos domésticos ou como mucamas. Entre os escravos de dentro ainda podemos citar algumas crianças que serviam como meninos de recado ou para auxiliar nos serviços da casa. Esses escravos, em sua maioria, ficavam alojados nas senzalas sob as casas grandes ou em áreas correlatas.

BIBLIOGRAFIA

Almanach de São Carlos (1893) (Cincinato Braga - organizador)

Almanach Anuario de São Carlos (1928) (José Ferraz Camargo "C editor)

BRAGA, Antônio Carlos Vilela (org). **A Navegação dos Rios Mogy-guassú e Pardo: Transporte fluvial "C 1883-1903**. São Carlos: Asser, 1999 (Série Documentos nº3)

CECHINATO, Mons. Luiz (org). "Os 140 anos da Paróquia São Carlos Borromeu". São Carlos, s.d.

ELLIS JR, Alfredo. **Tenente-Coronel Francisco da Cunha Bueno**. São Paulo, 1960 (edição do autor)

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2002

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala**. Rio de Janeiro: Conquista, 1972

"Pesquisa de Resgate Histórico, Cultural e Arquitetônico: Distrito de Santa Eudóxia, Município de São Carlos/SP". São Paulo: UODS/SEBRAE, 2004

PINTO, Adolpho Augusto. **História da Viação Pública em São Paulo**. São Paulo: Governo do Estado, 1977

Secretaria de Estado da Cultura e Memorial do Imigrante. "Série Resumos", nº 1 ao 7.

TRUZZI, Oswaldo. **Café e Indústria**. São Carlos: Arquivo de História Contemporânea/ UFSCar, 1986

TRUZZI, Oswaldo (org.). **Fontes Estatístico-normativas das Propriedades Rurais em São Carlos**. São Carlos: EdUSFCar, 2004